

MARINA SILVA

Os desafios do PT ESTADO DE SÃO PAULO



Não há dúvidas: o partido vive um momento difícil e cheio de impasses

lugar na História.

O PT precisa encarar o mundo. Deve começar por uma compreensão profunda das mudanças internacionais, que estão longe de se resumir a uma conspiração neoliberal. Não adianta resmungar contra a globalização. Há que formular estratégias para a inserção adequada do Brasil nas novas relações internacionais e, ainda mais, participar do intenso debate mundial sobre meio ambiente, direitos humanos, apartheid étnico e social, etc.

Esse conhecimento do

mundo será uma redescoberta do Brasil à luz da contemporaneidade. O PT precisa ter proposta para o desenvolvimento do País que incorpore o desafio de crescer sem destruir a nossa maior vantagem comparativa, que são os recursos naturais, ao mesmo tempo em que supere a vergonhosa marca da mais injusta distribuição de renda entre os 70 maiores países do mundo. Nenhum outro partido tem enraizamento em tantos e diferentes setores sociais e regiões do País. As caravanas da cidadania, as administrações democrático-populares, a vivência de milhares de militantes, a ação no Parlamento são tesouros inestimáveis. A revitalização e o uso de todo esse conhecimento provocará, decerto, uma superação dos limites conceituais atuais. O PT tem estado contido num debate interno estreitamente ideológico. O resultado é a paralisia em torno de falsos dilemas, como ser ou não ser oposição. Precisa arranjar expressões como "oposição propositiva" para justificar avanços mínimos. É óbvio que o PT é oposição, mas o problema é que para ser oposição é pre-

ciso, antes de tudo, ter posição.

Outro falso dilema: o debate mercado x Estado. Dentro de marcos ideológicos estreitos, a única resposta para a irresponsabilidade privatizante do governo seria o conservadorismo estatizante. Essa é a posição burra que os apologistas do mercado esperam que adotemos, para sermos facilmente derrotados. Nos últimos anos desenvolveram-se várias formas de controle público não-estatal, ampliou-se o poder da sociedade, multiplicaram-se as alternativas de organização social, diversificaram-se as formas de propriedade e participação nos lucros. Para cada caso há *n* soluções possíveis, mas para descobri-las e fortalecê-las é preciso não estar ideologicamente amarrado.

Os verdadeiros dilemas do PT estão na forma de relacionamento que tem, ou deve ter, com a sociedade. Hoje, sua mais urgente necessidade é redefinir a participação e o significado de sua presença nos organismos e iniciativas da sociedade civil. Há entre nós um consenso: o PT nasceu e cresceu nos movimentos sociais. Chegou a hora de perguntar: em que movimentos? Que vocação eles definem para o PT? Que nível de autonomia lhes deve ser garantido?

Na verdade, o PT se formou em alguns movimentos sociais, principalmente o sindical, que tiveram papel relevante no final da ditadura. A estrutura e o ideário desses movimentos marcaram de tal forma o PT que este passou a não se distinguir deles. Por isso, nossa visão de "movimentos sociais" ficou restrita aos movimentos politicamente organizados, com estrutura de direção e base, com linguagem e formas de representação do tipo sindical ou partidário. É claro que esses movimentos são importantes, mas têm também limites. Ao fornecerem o "foco" da visão política do PT, nos deixam esses limites de herança. O maior é o corporativismo, traço marcante na sociedade

brasileira que precisamos superar.

Nos últimos anos, novos movimentos sociais surgiram. Juventude urbana, mulheres, minorias, ambientalismo, índios e outros setores criaram cooperativas, ONGs, entidades culturais, diversas formas de atuação e representação. Nossas formas típicas de luta, abaixo-assinado, greve, passeata, listas de reivindicações dirigidas ao Estado, não dão conta da diversidade de situações e da complexidade de relações que esses movimentos criaram na sociedade. Em geral, esses novos movimentos simpatizam com o PT e votam em seus candidatos, mas o acham um tanto atrasado e não vêm sentido prático nos longos debates ideológicos e nas disputas internas em que nos engalfinhamos. Isso coloca ao partido a necessidade de renovar, não só sua orientação política, mas também — e em especial — sua linguagem.

Por fim, penso que essa renovação no ideário petista começa dentro de casa. É necessário estabelecer novas regras para o debate interno. Um ponto delicado: a atuação das tendências. Na maioria das vezes, nem seria necessário fazer nas convenções debates a que todos comparecem com posições fechadas e ninguém convence ninguém. Bastava contar os votos por telefone, calcular os percentuais alcançados por cada tendência e reunir as direções para fazer os conchavos. Por mais democrática que seja, nossa disputa interna tem sido paralisante. E, se não conseguirmos estabelecer uma interlocução produtiva internamente, será muito difícil conseguir externamente.

Em resumo, são muitos os desafios e enormes as dificuldades. Mas o PT tem consciência de sua importância e de suas responsabilidades. E ainda é, como se dizia no início, o partido do futuro. E o futuro é agora. Vamos ao debate.

■ Marina Silva é senadora (PT-AC)

O Partido dos Trabalhadores, na primeira década de sua existência, experimentou crescimento contínuo e afirmou sua presença de forma decisiva no cenário político nacional. Contribuiu como nenhum outro — até os adversários reconhecem — para a conquista das liberdades democráticas e a participação de amplas parcelas da população, antes excluídas das decisões políticas. Afirmou a possibilidade e a necessidade da existência de partidos fortes, com vida interna movimentada e democrática, pleno funcionamento em todos os momentos, e não apenas nas campanhas eleitorais. Colocou questões importantes na agenda brasileira. Por tudo isso, empolgou amplas parcelas da população e se tornou uma referência internacional, em especial para os países latino-americanos.

Hoje, porém, não há dúvidas de que o PT vive um momento difícil e cheio de impasses. A derrota nas eleições presidenciais de 94 revelou fragilidades. Desde então, o partido vive uma tensão interna que impôs, até agora, duas certezas: 1) Seu projeto original não se esgotou, as "cláusulas pétreas" de sua fundação permanecem válidas e sua existência continua a ser uma necessidade para o futuro do Brasil; 2) Esse projeto original precisa ser adaptado aos novos tempos, é necessário mudar, definir novos rumos. Esta certeza é absoluta: cada um de nossos sonhos, cada detalhe de nossa utopia precisa de novas demonstração e justificativa. A prova dos nozes da contemporaneidade precisa ser feita. Senão só nos restará o consolo de ter conquistado um